

# A obra de Edino Krieger

*Pesquisadora na área de música popular, folclórica e erudita brasileira, Ermelinda Paz retoma a obra do maestro brusquense, reconhecido nacionalmente, em livro lançado pelo Sesc. Nesta página, uma passeio pelas principais composições*

ERMELINDA A. PAZ\*

Obra musical de Edino Krieger aparece referenciada em diversos textos musicológicos, verbetes de enciclopédias e dicionários de música, sendo ainda alguns títulos de sua produção alvo de elogiosas críticas nos mais diversos periódicos do país. Sua obra, apontada como não muito extensa em razão da excepcional dedicação à causa pública, não impede o julgamento do perfil do compositor, apontado por muitos como possuidor de grande equilíbrio formal, além do fino acabamento que lhe é peculiar. O próprio compositor, por ocasião das comemorações dos seus 70 anos, falando à Folha de S. Paulo de 23/3/1998, à página 5, numa demonstração de típica humildade e timidez “kriegeriana”, afirma que sua produção é pequena, de catálogo reduzido; pode ter até alguma significação, entretanto só o crivo do tempo é que vai determinar se suas composições têm valores e condições de permanência.

Edino Krieger seguramente já superou o crivo do tempo. Algumas de suas obras são frequentemente citadas pela crítica, como: Brasileira Para Viola e Cordas, Canticum Naturale, Concertante para Piano e Orquestra, Divertimento para Cordas, Estro Armonico, Ludus Symphonicus, Oratório Cênico Rio de Janeiro, Quarteto de Cordas no 1, Ritmata, Sonatina para piano, Suíte para Cordas, Tocata para Piano e Orquestra e Variações Elementares. A seguir, são comentadas algumas delas.

\*Ermelinda Paz tem experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Musicale Musicologia. É autora do livro Edino Krieger, Crítico, Produtor Musical e Compositor - Volume II lançado em 2012 pelo Sesc Departamento Nacional e disponível para download em [www.sesc.com.br/publicacoes/edinokrieger](http://www.sesc.com.br/publicacoes/edinokrieger). Este texto é parte do capítulo 4, que aborda as principais obras do músico.

## Canticum Naturale

A obra, escrita sob encomenda, baseia-se nos cantos dos pássaros e em ruídos ambientais da Amazônia, trabalhados no contexto da atualidade musical. Apresenta-se dividida em duas partes: o Diálogo dos Pássaros e o Monólogo das Águas. A obra não possui um caráter épico. O compositor se valeu de uma gravação de cantos de pássaros brasileiros realizada pelo engenheiro Johann Dalgas Frisch, utilizando-os como matéria-prima sonora. Os efeitos sonoros são obtidos através de uma gama de possibilidades: clusters, sons harmônicos, glissandos, frulattos, sons rápidos na região superaguda, tocando nas cordas com a unha, com a mão fechada nas cordas graves, buscando referenciais sonoros que caracterizassem os sons ambientais da Amazônia. A análise da partitura nos revela as sonoridades desejadas pelo compositor: grilos, sapos, galos-do-mato, inhambu, javali, sabiá, bacurau, pássaro-tesoura, araras, papagaios, pica-pau, quero-quero, rã chirona e uirapuru. A estreia se deu com grande cobertura por parte da imprensa, todos os jornais de grande circulação estampavam notas e comentários alusivos à peça, e Edino Krieger, em entrevista publicada no Jornal do Brasil de 14/4/1972, explica como a concebeu:

“No Canticum Naturale, os cantos dos pássaros constituem o material melódico básico da 1ª parte – Diálogo dos Pássaros. Cada canto constitui um módulo, que se repete em determinado espaço de tempo e se contrapõe, cumulativamente, a outros módulos, formando contrapontos espontâneos, tal como em sua forma natural. No decorrer do trecho são usados motivos rítmicos-melódicos derivados de canto de sirriema, tempera-viola, pica-pau, uru, galo-do-mato, inhambu preto, inhambu sabiá, sabiá, bacurau, papa-formiga, choquinha, pássaro-tesoura, papagaio, arara, quero-quero, vira-folha e finalmente do uirapuru, que encerra o diálogo com um canto solitário de flauta. Ruídos ambientais da floresta são também tratados como elementos sonoros puros pelas cordas e a percussão. Na segunda parte da composição – Monólogo das Águas –, o material sonoro deriva do princípio estático-dinâmico contido no deslocamento de uma grande massa sonora. Um elemento de movimento é introduzido pelos violoncelos, enquanto a ideia de massa e volume é sugerida por grandes blocos estáticos de sonoridades. Na parte central do trecho há uma referência às lendas geradas pelo Amazonas, na forma de um Canto de Mãe-d’água, confiado a uma voz solista opcional, ou a um violoncelo, sob um acompanhamento monocórdio da harpa e do vibrafone, com uma clara conotação de cantoria nordestina. Em seguida os elementos de movimento e de massa são conduzidos a um paroxismo de sua potencialidade, até precipitarem-se num impacto final – tal como o próprio rio se precipita em seu encontro de gigante com o mar.”

Ainda que o musicólogo Vasco Mariz afirme que Brasileira é, na opinião de alguns, a mais aplaudida obra de Edino, podemos aferir que Ludus Symphonicus e Canticum Naturale, seguido por Variações Elementares, vêm sendo frequentemente as mais cotejadas pela crítica especializada, e com efusiva recepção. O musicólogo e crítico Luiz Paulo Horta, na Revista Veredas do Centro Cultural Banco do Brasil, datada de março de 1998, ressalta que “para compositores menores, a floresta significaria, a partir de então, um terreno proibido, o medo de cruzar com o gigante e de ser esmagado. Canticum Naturale, no entanto, com as suas evidentes referências ao ambiente amazônico, é uma das obras mais seguras e mais convincentes de Edino. Só que a diferença entre esta obra – um prodígio de sutileza e sedução – e as grandes obras de Villa-Lobos mostra toda a evolução da música brasileira, no sentido de uma linguagem contemporânea”. (p. 23)

O crítico Antonio Hernandez, em O Globo de 19/4/1972, falando sobre a estreia da obra no Rio de Janeiro, menciona que: “O Theatro Municipal parecia abrir lentamente, para cerca de mil assinantes da filarmônica, uma janela que dava para a Amazônia, região agora sublimada pela arte ultra-requintada de um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos.” Ainda no supracitado periódico, em 21/11/1973, à página 6, detectamos a seguinte nota:

“A Bélgica, que já aplaudiu o Ludus Symphonicus e as Varia-

ções Elementares, de Edino Krieger, dirigidas por maestros belgas, franceses e alemães, acaba de descobrir mais uma obra importante do compositor brasileiro: o Canticum Naturale, que o maestro Eleazar de Carvalho dirigiu à frente da Sinfônica de Liège, a melhor orquestra dos belgas. Foi tal o sucesso da estreia que o público exigiu a repetição. Aconteceu num dos concertos da Brasil Export em Bruxelas, na semana passada.”

## Concerto para 2 violões e orquestra de cordas

É uma obra em três movimentos: Tocata, Sonares e Volatas. Edino Krieger, citado por Ilmar Carvalho no Diário Catarinense de 30/3/1996, revela que: “Toda a rítmica do movimento inicial é fortemente impregnada desse caráter afirmativo do ritmo brasileiro. E, nos dois movimentos seguintes, eu uso elementos melódicos que são claramente originários da música nordestina. Isso, dentro de uma concepção característica da música de vanguarda, com utilização de clusters, o tempo livre, sem uma rigidez métrica.” (p. 2-5)

## Divertimento para cordas (transcrição da Sonata nº1)

Obra representativa da segunda fase – 1º prêmio no I Concurso de Composição promovido pelo MEC – caracterizada pela utilização de formas tradicionais e linguagem tonal-modal, revelando uma temática neoclássica com nítida sonoridade brasileira. O primeiro movimento – Allegretto –, iniciado por um tema cantábile, a partir de um arpejo descendente que se desenvolve em imitações, resulta num segundo tema de caráter pronunciadamente rítmico, com utilização de notas repetidas. O segundo movimento – Seresta (Homenagem a Villa-Lobos) – se inicia com uma cadência melódica muito expressiva no violoncelo. O caráter pungente desse movimento nos remete às Serestas de Villa-Lobos. No último movimento – Variações e Presto – o autor faz sua reverência a Hindemith, utilizando-se de um tema original – inspirado no estilo de Hindemith – sob a forma de variações contrastantes, onde são incorporados elementos de dança brasileira, de jazz, de seresta e valsa, evocando ainda a memória do frevo em suas características principais.

Edino nos fala um pouco sobre o concurso que premiou essa obra: “Meus primeiros contatos com Camargo Guarnieri foram meio conflitantes porque foram na época da ‘Carta aberta’, sobre a qual eu escrevi na Tribuna da Imprensa. Mas depois encontrava com ele e ele me tratava com muita cordialidade, muita simpatia. Em 1959 teve um Concurso de Composição promovido pelo MEC e eu participei desse concurso com o Divertimento para cordas e o Camargo Guarnieri, depois do concurso – eu fui o primeiro lugar e ele estava no júri –, chegou para mim e disse: ‘Você tem muito talento, mas só falta uma coisa para você ser um grande compositor, é vir estudar comigo. Depois, cada vez que me encontrava, assobiava ou cantrolava o tema inicial do Divertimento. Ele dizia ‘eu gosto muito’, aliás ele acabou dirigindo muitas vezes a obra em São Paulo e, de vez em quando, mandava um programa.”

## Quarteto de cordas nº1

Edino Krieger, citado por Ilmar Carvalho no Jornal do Comércio de 28/7/1996, à página A 17, diz que essa obra integra-se no que se poderia chamar de segundo período criador, caracterizado pelo abandono do serialismo em favor de uma linguagem harmônica mais tradicional, tonal-modal, mas com certa liberdade. Com relação ao caráter formal, ele esclarece que: “Também a forma retoma a estrutura tradicional dos 3 movimentos [...] sem, contudo, apresentar uma subordinação estrita

à forma sonata que predomina no quarteto clássico-romântico. Esse quarteto registra um interesse deliberado pela utilização de elementos rítmicos-melódicos originários da tradição musical brasileira, tratados não de maneira meramente referencial, pitoresca ou decorativa, mas como matéria-prima de um trabalho acurado de elaboração polifônica, com vasta gama de processos imitativos, canons, fugatos, invenções temáticas e outros recursos utilizados com eloquência na literatura clássica romântica e contemporânea do quarteto de cordas.

## Romance de Santa Cecília

Obra encomendada pela Associação dos Amigos da Sala Cecília Meireles, para a reabertura da citada sala em 2 de junho de 1989. O oratório foi escrito para narrador, soprano, coro infantil e orquestra, tendo como base um poema homônimo de Cecília Meireles. Há uma confluência de linguagens, predominando o modalismo, mas com momentos de estética contemporânea, sobretudo nos pontos culminantes do martírio. Sua apresentação no concerto em comemoração aos 25 anos da Sala, em 1/12/1990, contou com a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Henrique Morelenbaum, Inácio de Nonno como narrador, Maria Lúcia Godoy (soprano) e o Coro Infantil do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, tendo Elza Lakschevitz como preparadora. A peça abarca três momentos, designados pelo autor como vida, martírio e glória.

## Suíte para Orquestra de Cordas

Trata-se de uma obra em quatro movimentos composta para a Orquestra da Casa do Estudante do Brasil, possuindo, portanto, caráter didático. No ecarte do CD produzido pela Soarmec, extraído do Repertório Rádio MEC, o autor realiza uma análise da peça, realçando o caráter de Abertura barroca do primeiro movimento, com sua alternância de concertino e ripieno, seguido de uma introdução lenta, formada por acordes sustentados e logo ritmados, que conduzem a um tema de caráter marcial, à maneira de um dobrado barroco, tratado em forma de fugato, onde aparece ainda um contrassujeito melódico de caráter seresteiro que se sobrepõe ao tema ao longo do movimento. O segundo movimento – Ronda Breve –, iniciado em pizzicato, evoca em seu discurso melódico cantigas de roda, de caráter bem marcado e dançante. O terceiro movimento – Homenagem a Bartók – remete às obras didáticas do mestre húngaro. No quarto movimento – Fuga (marcha-rancho) – Edino se utiliza de um tema escrito originalmente para piano e ainda transcrito para outras formações, onde propõe uma fuga em ritmo de marcha-rancho. O tratamento dado pelo compositor a este movimento nos lembra a obra de Villa-Lobos, mostrando a feliz fusão da forma barroca com a temática brasileira.

## Terra Brasilis

Peça escrita por encomenda do Ministério da Cultura para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento. A obra, nos seus três movimentos, objetiva propiciar ao ouvinte um painel sinfônico sonoro do Brasil, percorrendo os diversos períodos históricos, do Descobrimento até os nossos dias. O primeiro movimento – A Natureza e os Povos da Floresta – mostra a terra antes da chegada dos portugueses: cantos de pássaros, ruídos da floresta, cascatas de água etc. O segundo movimento – A Viagem – relata a travessia dos portugueses e se utiliza de sonoridades que evocam os cantos tradicionais lusitanos. O terceiro – O Encontro – simboliza e homenageia os povos responsáveis por nossa formação étnico-musical. Canto gregoriano, cantos indígenas, música portuguesa, africana, música urbana brasileira, seresta, maracatu se mesclam e descortinam através dos sons, tendo como ponto culminante uma “batucadência” que lembra as diversas celebrações rítmicas de nosso Carnaval.



## Quem é Edino Krieger

Nasceu em Brusque em 17 de março de 1928 e morou na cidade até a adolescência. Foi lá que começou a estudar violino aos sete anos ensinado pelo pai Aldo Krieger. Mais tarde, continuou os estudos com Edith Reis no Rio de Janeiro e com William Nowinsky em Nova York. Aperfeiçoou-se ainda com professores renomados no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Krieger tornou-se não apenas compositor, mas crítico musical, com colunas na Tribuna da Imprensa e no Jornal do Brasil, produtor e apresentador de programas musicais na BBC Londres, na Rádio Ministério da Educação e na Rádio Roquette Pinto. Como regente, atuou à frente de diversas orquestras, sobretudo na execução das próprias obras, e ganhou alguns dos principais prêmios de música do mundo. Entre 1981 e 1989 dirigiu o Instituto Nacional de Música da Funarte, fundação também presidida por ele de 1989 até 1990, data de sua extinção, e de 2003 a 2006 exerceu a Presidência da Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Também foi presidente da Academia Brasileira de Música.

